

O FÔLEGO MITOLÓGICO



Thiago
Rodrigues
de Souza¹

A educação no Brasil se depara com muitos desafios atrozés.
A névoa da tradição eurocêntrica ainda cobre muitos moinhos.
Os obstáculos só poderão ser suplantados com a união das vozes
Que cantam novos modos de pensar a cultura africana e seus caminhos.

A mitologia africana, outrora recanteadas das discussões ocidentais,
Teve acesso negado à educação e à socialização do conhecimento.
Será que existiu tanta disparidade na origem das muitas mitologias?
Jung e o *inconsciente coletivo* mostram um novo argumento.

Se relacionarmos o arquétipo de Ogum com Hefesto e com Vulcano,
Percebemos que os três são divindades das forjas dos metais na antiguidade.
Se compararmos o famoso orixá Exu com Hermes e Mercúrio,
Vemos a necessidade de um mensageiro entre os homens e as divindades.

Quando o tempo fecha e a tempestade se aproxima com seus clarões,
Temos em dois lugares distantes e diferentes, divindades semelhantes.
Xangô, o orixá dos raios, com seu machado bipene que faz nascer os trovões,
E Thor, o senhor do trovão e da tempestade, com seu martelo triunfante.

Entender a similaridade sígnica das muitas origens mitológicas
É um passo importante para se desvelar alguns caminhos da história.
Com um fôlego mitológico, pode surgir um olhar novo seguindo a lógica,
E fazer cair por terra os obstáculos vivos que estão em nossa memória.



[1] Graduando do Curso de
Filosofia e Estagiário do Kàwé.
maxndosanjos@hotmail.com